



Interativa

**Língua Brasileira de
Sinais – LIBRAS**

Professora conteudista: Andrea Rosa

Sumário

Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

Unidade I

1 LÍNGUA DE SINAIS: COMPLEXIDADE E EXPRESSIVIDADE.....2

Unidade II

2 EDUCAÇÃO DE SURDOS 21

3 ASPECTOS CLÍNICOS DA SURDEZ 36

Unidade I

TABELA

A tabela abaixo corresponde ao movimento dos sinais; foi elaborada pelo Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial (Ensino de língua portuguesa para surdos, 2002, p.85).

	Movimentos longos repetidos		Movimento único retilíneo com vibração das pontas dos dedos
	Movimentos curtos repetidos		Movimentos repetidos de abrir e fechar as mãos de baixo para cima e de cima para baixo
	Movimentos circulares repetidos		Um único movimento semicircular
	Um único movimento longo		Movimentos repetidos para cima e para baixo, se tocando
	Um único movimento circular curto		Vibração dos dedos
	Movimentos médios semicirculares repetidos		Movimento em sig-sag

1 LÍNGUA DE SINAIS: COMPLEXIDADE E EXPRESSIVIDADE

Neste módulo, apresento um recorte da minha dissertação de mestrado, que foi publicada na íntegra pela editora Arara-Azul no *e-books*.

5 Este texto objetiva expor a questão da língua de sinais como língua reconhecida pela linguística. Nosso intuito é demonstrar que as línguas de sinais são línguas naturais.

10 As línguas de sinais existem de forma natural em comunidades linguísticas de pessoas surdas e, conseqüentemente, partilham uma série de características que lhes atribuem caráter específico e as distinguem dos demais sistemas de comunicação não verbal.

15 A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como toda língua de sinais, foi criada em comunidades surdas que se contatavam entre si e a passavam ao longo de gerações. É uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão para captar movimentos, principalmente das mãos, a fim de transmitir uma mensagem, diferenciando-se da língua portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva, por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos.

25 Devido a essa diferença de canal de comunicação, normalmente os sinais utilizados nas línguas de sinais são entendidos como simples gestos. Outras vezes, toda a língua sinalizada é dita como mera mímica ou pantomima. Durante muito tempo, foi considerada – e para alguns ainda o é – um sistema natural de gestos, sem nenhuma estrutura gramatical própria e com áreas restritas de uso.

30 Entretanto, pesquisas sobre as línguas de sinais vêm mostrando que elas são comparáveis, em complexidade e expressividade, a quaisquer línguas orais: expressam ideias

sutis, complexas e abstratas. Os seus usuários podem não apenas discutir filosofia, literatura ou política, além de esportes, trabalho, moda, como também utilizá-la com função estética para fazer poesias, histórias, teatro e humor.

- 5 É importante destacar que a língua de sinais é natural, no sentido de que não há impedimento para sua aquisição pelos surdos. Ser natural não significa ser inata, pois, do mesmo modo que as demais línguas, ela será aprendida, nas diferentes situações de interação entre seus usuários.
- 10 Os estudos sobre as línguas de sinais datam de 1960, quando Stokoe (1960), linguista americano, propôs uma análise linguística da American Sign Language (ASL) em seus aspectos estruturais básicos (fonológico, morfológico e sintático), o que torna as línguas de sinais equivalentes às línguas orais
- 15 constituídas de gramática própria.

- Stokoe empenhou-se em evidenciar a isomorfia entre sinal e fala, valendo-se de parâmetros similares ao do distribucionalismo. O linguista americano nomeou "quirema" o segmento mínimo sinalizado, correspondente ao fonema da fala. Segundo ele,
- 20 cada morfema, unidade mínima de significação, seria composto por três quiremas: ponto de articulação, configuração das mãos e movimento, possuindo, cada um deles, um número limitado de combinações. Dessa forma, as palavras sinalizadas poderiam, pois, ser decompostas e descritas conforme a combinação entre
- 25 esses três traços. Stokoe propôs ainda um sistema notacional para a representação das possibilidades de cada um dos parâmetros descritos. Em suas análises, demonstrou a dupla articulação como aspecto linguístico presente na formação dos sinais. Na parte final de seu texto, discute algumas propriedades
- 30 morfológicas e sintáticas da ASL.

- A língua de sinais contém todos os componentes pertinentes às línguas orais, como gramática, fonologia, semântica, morfologia, sintaxe, preenchendo, assim, os requisitos científicos para ser considerada instrumento linguístico de poder e força.
- 35 Além de possuir todos os elementos classificatórios identificáveis

Unidade I

de uma língua, a LIBRAS demanda prática para seu aprendizado, como qualquer outra língua.

5 As línguas de sinais são diferentes umas das outras e independem das línguas orais-auditivas utilizadas em outros países; por exemplo: Brasil e Portugal possuem a mesma língua oficial, o português, mas as línguas de sinais desses países são diferentes, ou seja, no Brasil, é usada a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e, em Portugal, usa-se a Língua Gestual Portuguesa (LGP); o mesmo acontece com os Estados Unidos: American
10 Sign Language (ASL) e a Inglaterra: BLS, além de outros países.

Os sinais são próprios de cada país, ou seja, se surdos de países diferentes se encontrarem, provavelmente um não entenderá exatamente o que o outro está querendo dizer. Pode ocorrer, também, que uma mesma língua de sinais seja utilizada por dois
15 países, como é o caso da língua de sinais americana, usada pelos surdos dos Estados Unidos e da parte inglesa do Canadá.

Desse modo, a língua de sinais não é uma língua universal, pois adquire características diferentes em cada país e até mesmo dentro das diversas comunidades de surdos de um mesmo
20 país. Além da LIBRAS, que é a língua de sinais utilizada nas comunidades surdas de diferentes cidades do Brasil, há registros de uma outra língua de sinais, utilizada pelos índios surdos Urubus-Kaapor, no estado do Maranhão junto ao rio Gurupi (Ferreira-Brito, 1993).

25 Entretanto, apesar dos traços peculiares a cada língua, todas elas possuem algumas características que as identificam como língua e não linguagem, como, por exemplo, a linguagem das abelhas, dos golfinhos, dos macacos, enfim, a comunicação dos animais (Felipe, 2001).

30 Uma das características comuns às línguas é que todas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas, e todas possuem os seguintes níveis linguísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático.

Cada país tem uma língua de sinais própria, e a LIBRAS é a língua brasileira de sinais.

Veremos a seguir alguns desses conceitos, discutidos e ilustrados nas estruturas da LIBRAS.

Gramática da língua de sinais

A LIBRAS é dotada de uma gramática composta por itens
5 lexicais, que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos,
sintáticos e semânticos, os quais, embora apresentem
especificidade, seguem também princípios básicos gerais. Estes
são usados na geração de estruturas linguísticas de forma
produtiva, possibilitando um número infinito de construções, a
10 partir de um número finito de regras.

Há, também, componentes pragmáticos convencionais,
codificados no léxico e na estrutura da LIBRAS, que permitem
a geração de implícitos, sentidos metafóricos, ironias e outros
significados não literais. Esses princípios regem também o uso
15 adequado das estruturas linguísticas da LIBRAS, isto é, permitem
aos seus usuários utilizar estruturas nos diferentes contextos que
se lhes apresentam, de forma a corresponder às diversas funções
linguísticas que emergem da interação no dia a dia, bem como
dos outros tipos de uso da língua.

20 Fonologia da língua de sinais brasileira

A fonologia das línguas de sinais estuda as configurações
e os movimentos dos elementos envolvidos na produção dos
sinais.

O que é denominado palavra ou item lexical nas línguas
25 orais-auditivas recebe, nas línguas de sinais, o nome de sinal,
o qual é formado a partir da combinação do movimento das
mãos com um determinado formato em um determinado lugar,
podendo esse lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em
frente ao corpo.

30 **I. Configuração de mão (CM):** a CM pode permanecer a
mesma durante a articulação de um sinal, ou pode ser alterada,

A configuração da mão pode ser mantida constante durante a articulação de um sinal, ou, ainda, pode alterar para uma outra configuração. Por exemplo, os sinais "educação" e "costume" têm os demais parâmetros iguais (ou seja, "movimentos", "ponto de articulação" e "orientação").



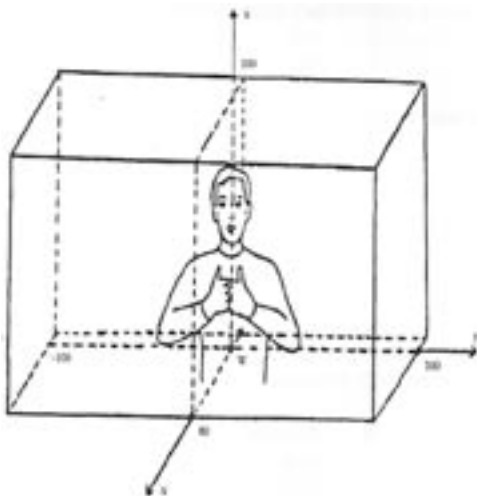
Educação



Costume

Fonte: Ferreira-Brito, 1995, p. 37-8.

10 **II. O ponto de articulação (PA)** é o local do corpo do sinalizador em que o sinal é realizado; assim, uma maior especificação da posição é necessária, já que a região no espaço é muito ampla. Esse espaço é limitado e vai desde o topo da cabeça até a cintura, sendo alguns pontos mais precisos, tais como a ponta do nariz, e outros mais abrangentes, como a frente do tórax.



Fonte: Ferreira-Brito, 1995, p. 215.

Em situações nas quais o local em que o sinal é realizado não for relevante, este PA é chamado "espaço neutro". Há sinais que

Através dos exemplos acima, em LIBRAS e em português, mostramos que as palavras da LIBRAS também são constituídas a partir de unidades mínimas distintivas, correspondentes aos fonemas das línguas orais. O número dessas unidades é finito e pequeno porque, seguindo o princípio de economia, eles se combinam para gerar um número infinito de formas ou palavras.

Portanto, o léxico da LIBRAS, assim como o léxico de qualquer língua, é infinito, no sentido de que sempre comporta a geração de novas palavras. Até recentemente, pensava-se que a LIBRAS fosse pobre, porque apresentava um número pequeno de sinais ou palavras. Entretanto, pode acontecer de uma língua não usada em todos os setores da sociedade – ou usada em uma cultura bem distinta da que conhecemos – não apresentar vocábulos para um determinado campo semântico; isso, entretanto, não significa que ela seja pobre, pois, potencialmente, tem todos os mecanismos para criar ou gerar palavras para qualquer conceito que vier a ser compreendido e posteriormente utilizado pela comunidade sinalizadora.

Fato que pode ser comprovado com a inclusão dos surdos em diversos cursos nas universidades (com a presença do intérprete de língua de sinais): cada qual tem acrescido os sinais após compreender o significado dos conceitos acadêmicos disseminados nos cursos universitários. Exemplo: movimentos sociais.¹



Vale ressaltar que há restrições quanto à criação de novos sinais, pois, a partir das unidades mínimas da LIBRAS, não será aceito um sinal quando este fugir aos padrões que regem a

¹ Este sinal foi criado por uma surda do curso de pedagogia com ênfase em educação especial da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP).

Sistema morfológico da língua de sinais

Morfemas são elementos mínimos – carregados de significado – que compõem palavras, organizando-as em diversas categorias, segundo um sistema próprio da língua.

5 As línguas de sinais, assim como as línguas orais, possuem um sistema de formação de palavras. *Morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras ou sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras. A palavra morfema deriva do grego morphé, que significa forma. Os morfemas*
10 *são unidades mínimas de significado* (Quadros; Karnopp, 2004, p.86).

Os morfemas, tanto nas línguas orais como na língua de sinais, determinam não apenas o significado básico das palavras, mas também a ideia de gênero (masculino
15 ou feminino), de número (singular ou plural), de grau (aumentativo ou diminutivo), de tempo (passado, presente ou futuro).

Itens lexicais para tempo e marca de tempo

A LIBRAS não tem, em suas formas verbais, a marca de tempo
20 como o português. Dessa forma, quando o verbo refere-se a um tempo passado, futuro ou presente, o que vai marcar o tempo da ação ou do evento serão itens lexicais ou sinais adverbiais como **ontem, amanhã, hoje, semana passada, semana que vem**. Com isso, não há risco de ambiguidade, porque sabe-se
25 que se o que está sendo narrado iniciou-se com uma marca no passado, enquanto não aparecer outro item ou sinal para marcar outro tempo, tudo será interpretado como tendo ocorrido no passado.

Os sinais que veiculam conceito temporal, geralmente,
30 vêm seguidos de uma marca de passado, futuro ou presente da seguinte forma: movimento para trás, para o passado; movimento para frente, para o futuro; e movimento no plano do corpo, para presente. Alguns desses sinais, entretanto, incorporam essa marca de tempo, não requerendo, pois, uma

marca isolada, como é o caso do sinal **ontem** ilustrado a seguir:



Ontem

Outros sinais, como **ano**, requerem o acompanhamento de um sinal de futuro ou de presente, mas, quando se trata de passado, ele sofre uma alteração na direção do movimento de para frente para trás e, por si só, já significa "ano passado". Exemplo:

Ano



Ano passado



Fonte: Ferreira-Brito, 1995, p. 60.



Ano



Futuro

É interessante notar que é uma linha do tempo constituída a partir das coordenadas: passado (atrás) – presente (no plano do corpo) – futuro (na frente).

Quantificação e intensidade

A quantificação é obtida em LIBRAS através do uso de quantificadores como **muito**. É possível observarmos, nos exemplos abaixo, como o verbo "olhar", a partir dos exemplos abaixo:

- 5 a) olhar durativo é realizado apenas com um dedo estendido; b) o sinal é realizado com todos os dedos estendidos.

Dessa forma, esse tipo de alteração do parâmetro *configuração de mão* iconicamente representa uma maior intensidade na ação ou um maior número de referentes sujeitos.



Olhar (pontoal)



Todos estão olhando

Fonte: Ferreira-Brito, 1995, p.51-2.

- 10 Essa mudança de configuração de mãos, aumentando-se o número de dedos estendidos para significar uma quantidade maior, pode ser ilustrado pelos sinais:



Uma vez



Duas vezes



Três vezes

Fonte: Ferreira-Brito, 1995, p. 43.

- 15 Às vezes, alongando-se o movimento dos sinais e imprimindo-se a ele um ritmo mais acelerado, obtém-se uma maior intensidade ou quantidade. Isso é o que ocorre com os sinais **falar** e **falar sem parar**, ilustrados a seguir:

Quando não existe um sinal para determinado conceito, é utilizada para soletrar palavras da língua oral. Nesse caso, diz-se que essas soletrações são empréstimos da língua portuguesa.



O alfabeto manual é a mera transposição para o espaço, por meio das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral. Vale ressaltar que cada país tem um alfabeto manual.

Este também é um recurso usado para soletrar, quando, no momento da apresentação, se pretende informar o nome das pessoas; ou, ainda, quando não se conhece o sinal do conceito, para que o interlocutor ensine o sinal à pessoa que o desconhece.

A diferença entre sinal e a soletração manual de uma palavra em português pode ser percebida no seguinte exemplo: interprete.



O alfabeto manual é apenas um recurso utilizado para soletrar nomes próprios e empréstimos linguísticos do português, ou seja, os surdos não se comunicam apenas por meio dele.

²Mauro Lucio Gondin é desenhista da cidade de Campo Grande - MS.

Sintaxe da língua de sinais

Analisar alguns aspectos da sintaxe de uma língua de sinais requer “ver” esse sistema, que é espaço-visual, e não oral auditivo. A organização espacial da LIBRAS apresenta possibilidades de estabelecer relações gramaticais no espaço, por meio de diferentes formas.

Para Quadros e Karnopp (2004), no espaço em que são executados os sinais, o estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal são fundamentais para as relações sintáticas.

10 Em qualquer discurso em língua de sinais, é necessário haver a definição de um local no espaço de sinalização (espaço definido na frente do sinalizador).

A base para a sinalização no espaço irá depender da presença – ou não – do referente: caso esteja presente, os pontos no espaço serão delineados a partir da posição real ocupada pelo referente; caso contrário, serão escolhidos pontos abstratos no espaço (Quadros; Karnopp, 2004).



Formas pronominais usadas com referentes presentes (Quadros; Karnopp, 2004, p. 131).



Formas pronominais usadas com referentes ausentes (Quadros; Karnopp, 2004, p. 131).

A ordem básica da frase

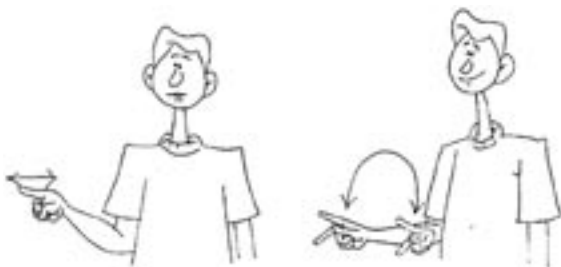
20 A sintaxe descreve a ordem e a relação entre as palavras e os termos da oração, caracterizando-se, em LIBRAS, na maioria das

vezes, pela organização sintática dos sinais na seguinte ordem: sujeito – verbo – objeto (SVO), que é dos princípios universais possíveis para a organização das palavras na frase (Ferreira-Brito, 1995; Quadros; Karnopp, 2004).

5 Segundo essas autoras, o estudo da descrição quanto à relação dos elementos estruturais e das regras que regem a combinação de sentenças ainda não é completo na LIBRAS; esta, entretanto, apresenta regras próprias e básicas.

10 As línguas de sinais utilizam as expressões faciais e corporais para estabelecer tipos de frases, como as entonações na língua portuguesa; por isso, para perceber se uma frase em LIBRAS está na forma afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa, precisa-se estar atento às expressões faciais e corporais que se realizam simultaneamente com certos sinais ou
15 com toda a frase, como se pode notar nos exemplos:

- Forma afirmativa: a expressão facial é neutra.



Ele(a) é professor(a) (Felipe, 2001, p. 52).

- Forma interrogativa: sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima.



Você é casado? (Felipe, 2001, p.52).

• Forma exclamativa: sobancelhas levantadas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima e para baixo. Pode ainda vir também com um intensificador representado pela boca fechada com um movimento para baixo.



Que carro bonito! (Felipe, 2001, p.53).

5 • Forma negativa: a negação pode ser feita através de três processos:

a) Com o acréscimo do sinal **não** à frase afirmativa:



Eu não sou ouvinte (Felipe, 2001, p. 50).

b) Com a incorporação de um movimento contrário ao do sinal negado:



Eu não gosto (Felipe, 2001, p.54).
